

Dom Antônio do Espírito Santo da Furquia, cognome Cacheado ou 21 conforme a tribo, é figura ímpar da sociedade francana. É um raro espécime “udenista de esquerda”, síndrome provavelmente adquirida num ruidoso episódio ocorrido na prova final de direito penal quando frequentava o curso de direito do Brejão. Suas muitas histórias são contadas em prosa e verso pelos amigos e frequentadores de uma mítica farmácia onde ganhava a vida, que talvez só tenha existido em sonhos.

No já distante século XX, conhecido como Cacheado, foi apresentado como sócia francano do Lula. Sua inclinação à esquerda levou-o a cometer um desatino para ajudar a nascente sigla do Partido dos Trabalhadores: foi convencido a sair candidato a vereador nos idos de 1982.

Uma das coisas mais emocionantes que participei naquelas eleições, um desejo de menino que pouco sabia de ecologia, foi passear no Fusca do Cacheado às 17 horas do dia do pleito, quando a cidade cometeu pela primeira vez a bobagem, garantida pela democracia, de eleger prefeito vocês sabem quem. O passeio, a 50 km por hora pela Avenida Ismael Alonso teve direito a colocar a mão cheia de santinhos de Dom Antônio que haviam sobrado para fora do carro e vê-los ser levados em cascata pelo vento. Coisa de menino mesmo, que é como me sentia, mal antevendo o atraso do atraso que se avizinhava para Franca, até hoje atormentada pelos fantasmas das gestões provincianas de um radialista que, em poucos anos de vida pública, tornou-se empresário com sucesso bem maior que o píffio resultado de suas atividades públicas.

Mas não quero falar disso e sim do 21 que, segundo dizem, é resultado de sua atuação como baixo (clero?) no coral da Fundação Municipal Mário de Andrade (não queria lembrar, mas lembrei que o ex-radialista acabou com a Fundação) comandado pelo maestro Barros Garboggini, uma figura folclórica pelos chiliques que tinha na direção da orquestra e do coral, embora o resultado fosse muito bom.

Já Cacheado foi por causa das melenas rebeldes, hoje domadas e esbranquiçadas. Mas continua o mesmo, aquele mau-humor aparente que o tornaram o “Ruy Castro do Bairro Nova Franca”, com aquelas tiradas corrosivas contra quem defende música breganeja. Numa das poucas tentativas de viver em grupo, foi com uma galera para Ubachuva num verão daqueles, amigos e amigas querendo curtir praia e sol. Só choveu. Ninguém tinha horário para nada, faltava água, a comida ninguém fazia, a bebida não deixava ninguém dormir. Voltou antes da hora.

Aposentado, dizem que quase não sai mais de casa, mesmo antes da pandemia, porque montou um home theater onde escuta músicas e assiste filmes suando sobre a esteira. Na inauguração do aparelho, dormiu com o filme em andamento. Era “Pearl Harbour”. As primeiras explosões das bombas japonesas o acordaram tão assustado que correu para a rua achando que havia um bombardeio sobre a velha Franca. Depois acostumou, só desliga o som para escutar os acirrados debates encetados por seus vizinhos, um grupo de estudantes da UNESP filiados ao PSTU que discutem em voz alta se vão seguir a linha albanesa, a da revolução permanente ou ainda como adaptar as idéias do camarada Mao ao cenário brasileiro atual.

Mauro Ferreira é arquiteto